

Integração Engenharia da Faculdade de Engenharia - Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Bauru

PARADIGMAS EDUCACIONAIS NA ÓPTICA DO MERCADO DE TRABALHO

EDUCATIONAL PARADIGMS IN THE OPTICS OF THE LABOR MARKET

Antonio José Rosa Junior¹

Resumo A educação e o mercado de trabalho vêm passando por mudanças significativas e acentuadas nos últimos anos que caracteriza esse período como sendo de reavaliação de pressupostos e de paradigmas que, até então, sustentavam a sociedade vigente. Perante este contexto, as organizações têm de maximizar as chances de continuar no mercado, readaptando-se às “novas” tendências deste período. A educação sofre as ações destas mudanças, que desempenha “papel” fundamental na política social, sendo que a adequação destes pressupostos deve ser uma realidade para sociedade.

Palavras-Chave: educação e sociedade, educação e o mercado, trabalho e educação.

Abstract: The education and the labor market come going by significant changes and accentuated in the last years that characterizes that period as being of revaluation of presuppositions and of paradigms that, until then, they sustained the effective society. Before this context, the organizations have of maximizing the chances of continuing in the market, being readapted to the " new " tendencies of this period. The education suffers the actions of these changes, that it plays " fundamental role " in the social politics, and the adaptation of these presuppositions should be a reality.

Keywords: Education and society, Education and the market, work and education.

1: Ensino Médio, Colégio Técnico Industrial
Faculdade de Engenharia – Bauru - Universidade Estadual Paulista (UNESP)
e-mail: rosajr@feb.unesp.br

1 INTRODUÇÃO

Em um contexto capitalista e neoliberal, os perfis profissionais sofrem transformações decorrentes da necessidade de readaptação às exigências do mercado de trabalho, onde as organizações tendem a mudar seu cenário e passam a exigir trabalhadores diferenciados com conhecimentos e habilidades. Os profissionais destas organizações necessitam de autonomia sobre os meios e responsabilidade sobre os fins. Para ter o comprometimento com elas, sua postura deve ser flexível, perceptiva, empática, comunicativa, autêntica, criativa, inteligente, competente etc., ou seja, ter uma visão sistêmica.

O perfil do trabalhador é consequência do desenvolvimento da tecnologia que exige outros padrões e capacidades de gerir e processar informações, atualizar processos, diante da velocidade das mudanças.

Neste panorama, seu desenvolvimento deve ser estimulado, onde algumas condições como de auto realização, autoestima, condições sociais, de segurança e fisiológicas devem ser enfocadas pelas organizações de modo a proporcionar fontes de conhecimento, ambiente de aprendizagem contínua, empregabilidade, trabalho em grupo, explicitar reconhecimento, proporcionar desafios e definir metas.

A educação tem um papel importante nesta estrutura, pois se adotarmos somente o treinamento, ele atingirá apenas certas finalidades, mas não o desenvolvimento do conhecimento que contribui para o sucesso de um programa de qualidade, que gerencia os processos de produtividade e de serviços. Desta maneira, constitui uma das estratégias destas organizações o processo educativo de seus funcionários, que pode ser complementado através da rede de ensino existente, nos cursos de educação fundamental, ensino médio, profissionalizante e das universidades. Porém fica a pergunta:

Será que as instituições educacionais estão formando cidadãos com este perfil?

Optei por uma pesquisa documental, por se tratar de uma fonte não reativa, na qual foram analisados: Leis de Diretrizes Bases da Educação - LDB, resoluções e decretos vigentes, e regimento escolar.

Assim, foram obtidos subsídios para elaboração da caracterização de aspectos da educação profissionalizante em “face” as mudanças organizacionais.

2 OS PARADIGMAS ORGANIZACIONAIS E OS MÉTODOS EDUCATIVOS.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação no artigo I: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”; no inciso 1º “Esta lei disciplina a educação escolar que desenvolve, predominantemente por meio de ensino, em instituições próprias”; inciso 2º “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”.

Desta maneira, a LDB preconiza as instituições de ensino voltadas para a nova concepção organizacional, que busca a eficiência em seus métodos, e para modernidade globalizada, que tem um mercado consumidor exigente e produtos com ciclo de vida menor. Para atender a estes requisitos do mercado, as organizações precisam de funcionários com características multidisciplinares que estão vindo desta estrutura educacional.

Algumas características dessa organização, segundo Slack (1993), relacionadas ao desempenho são: qualidade, velocidade, confiabilidade, flexibilidade e custo, que devem ser planejadas e executadas em qualquer atividade.

Neste cenário incluem-se as escolas, segundo Martins (1998): “sistema de produção é uma parte da empresa que está diretamente engajada na produção de bens e serviços para o consumidor”, portanto, enquadram as instituições que produzem informações e ensino para seus alunos “clientes”.

Segundo Maciel (1999), “O ensino técnico exige capacidade criativa, visão abrangente do mundo técnico, da ciência e também dos valores permanentes do homem. É preciso, portanto, não centrá-lo na exclusividade e mesquinha tarefa de apenas adestrar o homem para manejar a máquina, que é apenas instrumento do progresso contínuo”.

Souza (1999) preconiza que o único caminho é a educação: “Numa economia globalizada, o país e suas empresas ou concorrem ou morrem. A concorrência implica preparação do trabalhador para assimilar novas tecnologias”.

A revista “Agitação”, de periodicidade bimestral e de responsabilidade do Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE – que relata as qualidades procuradas pelas empresas nos profissionais: “boa apresentação, perspicaz/analítico, criativo/flexível, dinâmico/energético,

responsável/dedicado, equilíbrio emocional, capacidade de atuar em equipe, ambicioso/ousado, perseverante, otimista/auto motivado, conhecimento de informática, qualidade de vida saudável, bom nível cultural, expressão oral e escrita e domínio de outros idiomas”.

Os conceitos “modernos” de gestão preconizam: autonomia, qualidade total, TQC – Total Controle de Qualidade, Just-in-time, CCQs – Círculos de Controle de Qualidade, Kaizen (melhoria contínua), etc.

Nesse panorama, as organizações escolares necessitam acompanhar essas mudanças, visto que estão formando o profissional para o mercado de trabalho.

Segundo a Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional – SEFOR, o conceito de empregabilidade se caracteriza como o conjunto de conhecimentos, habilidades, comportamentos e relações que tornam o profissional necessário não apenas para uma, mas para toda e qualquer organização. Mais importante que apenas um emprego é tornar-se empregável, manter-se competitivo em um mercado de mutações.

Os pontos fundamentais para empregabilidade são:

- ✓ Competência profissional
- ✓ Disposição de aprender
- ✓ Capacidade de aprender

A concepção de empregabilidade vem de encontro com a era do conhecimento e seus conceitos. A aquisição do conhecimento apresenta duas barreiras: motivação pessoal (nível médio de satisfação) e o potencial mental do funcionário (capacidade de adquirir conhecimento). A primeira pode ser suprida de acordo com a Teoria Motivacional de MASLOW, através da hierarquia de necessidades, desde as necessidades físicas até as de autorrealização, representando-as em uma pirâmide.

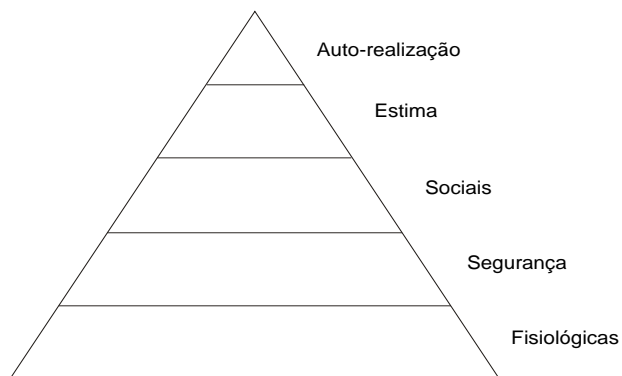


Figura 1- Hierarquia das necessidades segundo MASLOW

Por outro lado, na teoria de HERZBERG, os fatores higiênicos que predisõem à motivação são as

condições de trabalho, supervisão, relações interpessoais, salário, política organizacional, benefícios, segurança no trabalho, etc.; e os fatores motivacionais são relacionados com tarefa, liberdade, responsabilidade, criatividade, inovação, desenvolvimento das potencialidades, etc. A melhoria dos fatores higiênicos não produz motivação, reduz os fatores que predisõem à formação de atitudes negativas.

Portanto, satisfazendo estes princípios podemos trabalhar com o conhecimento, que é a habilidade na implementação do saber em uma aplicação, condição essencial para o aprendizado.

Segundo Ferreira (1997), “O conhecimento está ligado à ideia de significado”, ou seja, é “conhecer o significado”.

Por outro lado, para Becker (1994), o conhecimento vem de ações essencialmente práticas.

Machado (1995) considera que “as características mais frequentemente associadas à ideia de conhecimento transparecem da análise de expressões de ‘ter conhecimento’...”

Assim, conhecimento se caracteriza como a troca de informações e sua empregabilidade no processo.

Nesta lógica, Ball (2000) afirma que “o mercado educacional ressocializa e dessocializa, encorajando o individualismo competitivo e o instrumentalismo” e a educação e o conhecimento tornam-se a democracia do consumidor no mercado, baseada também na cultura e na política.

Para Frigotto (2000), “A filosofia da relação trabalho e educação, formação profissional para jovens e adultos não pode reduzir-se a mero adestramento”. Necessita desenvolver-se na ótica do desenvolvimento do conjunto de capacidades humanas, necessárias à produção de valores e de uso econômicos, culturais, políticos, estéticos”, o foco somente no capital é excludente. O mercado somente é um dos pilares para uma nova cultura de trabalho, onde o projeto da educação passa pela formação humana técnico-profissional unitária e de qualidade.

Segundo Gentili (2000), a utilização equivocada dos pressupostos da qualidade, contribui para mercantilização da educação, com os objetivos: que são de controle e alienação da sociedade, aplicados por grupos empresariais aliados as propostas neoliberais e neoconservadoras.

Deste modo, manifesta nos ambientes a competitividade, o individualismo, o darwinismo social que explicitam as desigualdades.

Para Freire (1979) “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem

refletir sobre o próprio homem”, tanto na educação formal quanto na profissional, onde toda mudança traz uma mobilidade social e uma consciência crítica para construção de um novo discurso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a LDB, que determina e rege o ensino no Brasil, fica evidente a proposta de mudança em um sistema que ainda é predominantemente tradicionalista e conservador, embora num cenário de transformações, em uma velocidade cada vez maior.

O objetivo é preparar o estudante para ingressar em um mercado de trabalho competitivo. A Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec/MEC) implantou a reforma no ensino profissionalizante com objetivo claro de corrigir um sistema que privilegiava a classe média e formava profissionais fora da realidade que as empresas necessitavam.

Porém nessa linha tende-se à discussão do que é importante: as organizações “mercado” ou o homem?

Se a linha adotada é a do equilíbrio, o grande diferencial das organizações atualmente é o conhecimento, e o fator humano é evidenciado. O profissional de sucesso será aquele que acumular conhecimentos técnicos, tiver criatividade, informação e agregar valor à empresa.

A qualidade na educação vem ao encontro à gestão de qualidade que podem e devem utilizar suas ferramentas, nos meios industriais onde sua eficiência pode ser agregada e adotada em muitos programas educacionais.

A expectativa é que o impacto das transformações para os indivíduos e para as organizações seja objeto de justiça para uma sociedade melhor, e a educação formal ou profissional seja objeto não de manipulação de grupos e sim de desenvolvimento humano.

Segundo BOURDIEU (1998), “...No momento em que as grandes utopias do século XIX revelaram toda a sua perversão, é urgente criar as condições para um trabalho coletivo de reconstrução de um universo de ideais realistas, capazes de mobilizar as vontades sem mistificar as consciências”.

4 AGRADECIMENTOS

Agradeço a UNESP – Faculdade de Engenharia - Bauru pelo apoio na publicação

deste artigo e todos que contribuíram para sua apresentação.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALL, S. J. Cidadania global, consumo e política educacional. In Silva, Luiz Heron da. A escola cidadã no contexto da globalização. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 1995, pg 121-137.
- BECKER, F. A Epistemologia do Professor: o cotidiano da escola. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1994.
- BOURDIEU, P. O neoliberalismo, utopia (em vias de realização) de uma exploração sem limites. In: Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Jorge Zadar, Rio de Janeiro, 1998, pg 135-149.
- BRASIL, Congresso Nacional. Lei 9.131, Diário Oficial da União, dez. 1995.
- BRASIL, Congresso Nacional. Lei 9.394, Diário Oficial da União, nov. 1996.
- BRASIL, Congresso Nacional. Decreto nº 2208, Diário Oficial da União, 21abr. 1997.
- CANÊO, L. C. Apostila Sensibilização às Relações Humanas. CENPRO, Bauru, SP, 1998, pg 4-7.
- FERREIRA, D. O Ensino de Engenharia e os Avanços Tecnológicos. Marília, 1997, Tese Ensino na Educação Brasileira UNESP, pg. 183.
- FREIRE, P. A educação e o processo de mudança social. In Educação e mudança, 16ª ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979, pg 27-41.
- FRIGOTTO, G. A educação e formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural. In: SILVA, L. H. dá A escola cidadã no contexto da globalização. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 2000, pg 218-238.
- GENTILLI, P. (org.). Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação, 6ª ed. Petrópolis, Vozes, 2000, pg 169-195.
- MACIEL, M. Educação técnica e valorização profissional. Revista Agitação, ano VI, no. 26, jan. /fev. 1999, pg. 36-37.
- MACHADO, N. J. Epistemologia e Didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática do docente. São Paulo, Cortez, 1995.
- MARTINS, S. S. Apostila Administração da Produção. CENPRO, Bauru, SP, 1998, pg 17.
- MASSA, V. O profissional que faz a diferença. Revista Agitação. Ano VI, no. 26, jan. /fev. 1999, pg. 8.
- ROSA JR, A. J. A Formação Profissional e suas Perspectivas Educacionais. Bauru, 1999, SP,

monográfica em Engenharia de Produção,
UNESP.

SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Educação.
Coordenadoria de Estudos e Normas
Pedagógicas. Legislação de Ensino de 1o. e 2o.
Graus, São Paulo, SE/CENP, v. XIX, 1985,
840 pg.

SOUZA, P. R. Educação com qualidade para um
futuro melhor. Revista Agitação, Ano VI, no.
26, pag. 30 – 34, jun./fev. 1999.

SLACK, N.D.C. Vantagem competitiva em
manufatura. São Paulo, Atlas, 1993.